

## Sobre a Dívida



Wellington Corporation

“Então considerarei que paguei a minha dívida através de boas intenções”

Frase extraída de “Encontro” k-drama da VIKI.

Porém, ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos. E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado.

E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo, e importa ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado.

E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado.

E outro disse: Casei, e portanto, não posso ir.

E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos. E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar. E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.

Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.

Lucas 14:16-24

Uma das expressões muito comuns nas novelas coreanas, k-dramas ou doramas, é “estou em dívida com você”. Ou “não tenho como pagar minha dívida com você”. Na medida em que a personagem principal vai sendo auxiliada ou ajudada por um amigo ou amiga inesperada, que não possuía vínculos de afinidade ou de quem não via o direito de pedir ou solicitar qualquer apoio, recursos ou gastos, por não haver compromisso ou laço de sangue que sancionasse o ato de bondade. Do mesmo modo algumas cenas em que uma personagem rejeita o pagamento de uma dívida, seja uma conta no hospital ou até um aluguel atrasado por um estranho, porque isso fere a dignidade de quem está sendo ajudado, pois na cultura oriental a reciprocidade é uma norma de conduta, é etiqueta comportamental, devolver a coisa doada, pagar o benefício recebido, honrar quem honrou você. E se a pessoa que recebe o benefício não possui condições de restabelecer o equilíbrio dádiva-devolução, ela se sente constrangida, endividada. Então o amor doado por um estranho pode ser desconfortável, se não houver de algum modo o meio de recompensar o benefício alcançado. Devolver a coisa emprestada não é só um dever, é uma obrigação que gera dívida. **A dívida é definida como aquilo que se deve pagar,**

**retribuir, restituir a alguém**, seja uma obrigação moral, social, cultural contraída por favor ou por meio de um bem recebido por um preço, ou mesmo um presente que de algum modo deve ser devolvido a quem o delegou.

Dívida é o termo que significa receber algo de alguém que necessita ser compensado de algum modo.

O termo pagamento nesse contexto vai muito além de seu significado financeiro. Ele é anterior ao advento do dinheiro ou da moeda, origina-se com a percepção da doação, da dádiva, do serviço prestado, da troca e logo está intimamente relacionado a dívida. Pagamento significa sempre, **RESTITUIÇÃO, ressarcimento, retribuição**. A dívida é fruto da necessidade de restituir, ressarcir, retribuir. O TRIBUTO é uma obrigação, é uma dívida exigida dos súditos ou dos habitantes de regiões cujo domínio "pertence" a um determinado governante. Pelo simples fato de usufruir das terras, moradia, cidadania, exercer ofícios nos domínios territoriais de um reino, o cidadão da antiguidade era tributário de determinada Dignidade. Como se não fosse dono absoluto de suas posses, antes um arrendatário. No direito da antiguidade, em particular o africano, os cidadãos de um reino **pertenciam** ao rei, eram tratados como bens ou propriedades do estado ou da família real. Por isso lhe DEVIAM honra, respeito, obediência e também, tributos.

No texto de Lucas nós vemos um CONVITE que gera uma DIVIDA. O chamado a honra, a dignificação, que exige uma resposta à altura. Um homem oriental de posses não convidaria quem ele não deseja HONRAR. O Convite em si para o casamento de uma filha de um nobre oriental ou de uma dignidade é uma honraria extrema aos olhos orientais. É o momento mágico mais esperado pelos pais em diversas nações e na antiguidade se revestia de uma importância poucas vezes imaginada pelos ocidentais. As famílias imperiais antigas teciam suas genealogias até suas divindades. Os reis da antiguidade criam-se descendentes dos deuses, tinham uma genealogia mitológica. O convite ao casamento real significava que uma família de descendência divina estava convidando você para um manjar com representantes dos deuses na terra. Essa visão humanizada dava o tom da importância de um convite a um casamento de um nobre. A recusa era um ato de ofensa. Terrível ofensa. A recepção de um convite traria imediatamente a OBRIGAÇÃO de comparecer, gerava uma DIVIDA do convidado, sua presença. Por isso aos ouvidos da multidão os que se recusam a ir no casamento do nobre são no mínimo loucos de toda sorte.

### **O POTLACH – O presente como uma competição**

Os fundamentos egoísticos (Em [etologia](#), comportamento agonístico é qualquer comportamento social **relacionado à luta**) da vida cultural da sociedade primitiva só foram esclarecidos a partir do momento em que a etnologia foi enriquecida por uma rigorosa descrição dos curiosos costumes de certas tribos índias da Colômbia britânica, que se tornaram conhecidos sob o nome de potlatch.

É um ritual de presentes que gera um COMPROMISSO, ou UM ENDIVIDAMENTO SOCIAL.

Em sua forma mais típica, encontrada na tribo dos Kwakiutl, o potlatch é uma grande festa solene, durante **a qual um de dois grupos, com grande pompa e cerimônia, faz ofertas em grande escala ao outro grupo, com a finalidade expressa de demonstrar sua superioridade.** A única retribuição esperada pelos doadores, e que é devida pelos que recebem, **consiste na obrigação de estes últimos darem por sua vez uma festa, dentro de um certo período, se possível ultrapassando a primeira.**

A família que foi hospedada agora se torna DEVEDORA da anfitriã.

Este curioso festival de donativos domina toda a vida comunitária das tribos que o praticam: **os rituais, as leis, as artes. Qualquer acontecimento importante pode servir de pretexto para um potlatch, seja um nascimento, uma morte, um casamento, uma cerimônia de iniciação ou de tatuagem, a construção de um túmulo etc.**

Festas que geram a DIVIDA de festas ainda mais pomposas.

É costume o chefe oferecer um potlatch sempre que constrói uma casa ou um totem. No potlatch, as famílias ou clãs apresentam-se sob sua forma mais brilhante, cantando suas canções sagradas e exibindo suas máscaras, enquanto os feiticeiros, possuídos pelos espíritos do clã, entregam-se a sua fúria. Mas o principal é sempre a distribuição de bens. O promotor da festa dissipa nesta todas as posses de seu clã. Contudo, o fato de participarem da festa dá aos outros clãs a obrigação de oferecer um potlatch em escala ainda mais grandiosa. Caso contrário, destroem seu nome, sua honra, seu emblema e seus totens, e até seus direitos civis e religiosos. O resultado de tudo isto é que as posses de toda a tribo vão circulando por entre as "grandes famílias", ao acaso. Supõe-se que, originariamente, o potlatch fosse sempre realizado entre duas fratrias da mesma tribo.

Quem oferece um potlatch demonstra sua superioridade, não apenas devido à pródiga distribuição de riquezas mas também, e isto é ainda mais impressionante, **pela destruição completa de seus bens, só para mostrar que pode passar sem eles.** Além disso, essas destruições são levadas a efeito de acordo com um ritual dramático, e acompanhadas por altivos desafios. A ação assume sempre a forma de uma competição: se um chefe quebra um pote de cobre, ou queima uma pilha de mantas, ou estraçalha uma canoa, seu adversário fica na obrigação de destruir pelo menos o mesmo, e se possível mais. Os destroços são enviados ao rival, como provocação, ou exibidos como sinal de honra. Conta-se dos Tlinkit, tribo aparentada aos Kwakiutl, que quando um chefe queria defrontar um rival matava um certo número de seus escravos, e o outro, para vingar-se, tinha que matar um número ainda maior dos seus.

Marcel Mauss fala da presença, na Melanésia, de costumes exatamente idênticos ao potlatch. Em seu *Essai sur le don* (Ensaio sobre a Dádiva), aponta vestígios de

costumes semelhantes nas culturas da Grécia, da Roma e da Germânia da antiguidade. Granet **apresenta exemplos de competições tanto de doação como de destruição na tradição chinesa primitiva**. Na Arábia pagã dos tempos pré-islâmicos, essas competições tinham um nome especial, o que prova sua existência como instituição formal. **São chamadas mu'aqara, um *nomen actionis* da terceira forma do verbo 'aqara, que nos velhos dicionários, os quais nada sabiam do pano de fundo etnológico, recebe a definição de "rivalizar em glória cortando as patas dos camelos"**. Mauss resume mais ou menos o tema tratado por Held da seguinte maneira:

"O Mahabharata indiano é a história de um gigantesco potlatch".



O texto é monumental, com mais de 74 000 [versos](#) em [sânscrito](#), e mais de 1,8 milhões de palavras; se o *Harivamsa* for incluído como sendo anexo e parte da obra, chega-se a um total de 90 000 versos, compondo o maior volume de texto numa única obra humana.

O potlatch, e tudo quanto com ele se relaciona, tem como centro de interesse a vitória, a afirmação de superioridade, a aquisição de glória ou prestígio e, pormenor não destituído de importância, a vingança. Em todos os casos, mesmo quando é apenas uma pessoa que oferece a festa, há dois grupos numa situação de oposição, mas ligados por um espírito que é ao mesmo tempo de hostilidade e de amizade. Para compreender esta atitude ambivalente, é preciso reconhecer **que o mais importante no potlatch é ganhá-lo**. Os grupos adversários não disputam riquezas nem poder, competem apenas pelo prazer de exibir sua superioridade, em resumo, pela glória. No casamento de um chefe Ma-malekala, descrito por Boas, o grupo anfitrião declara-se "pronto a iniciar o combate",

querendo com isto designar a cerimônia no fim da qual o futuro sogro concede a mão de sua filha.

O potlatch possui também alguma coisa de um combate, um elemento de provação e sacrifício. A solenidade decorre sob a forma de um ritual acompanhado de antífonas e danças de mascarados. Esse ritual é extremamente rigoroso: basta a menor infração para invalidar tudo. A tosse ou o riso são castigados com severas penalidades. O mundo espiritual no interior do qual se realizam essas cerimônias **é o mundo da honra, da pompa, da fanfarronice e do desafio.**

É um mundo de cavalaria e de heroísmo, dominado pelos brasões e nomes ilustres, onde prima a nobreza de linhagem. Não é o mundo dos cuidados e da subsistência quotidiana, do cálculo das vantagens e da aquisição de bens úteis. Aqui, as aspirações voltam-se para o prestígio dentro do grupo, para um lugar de destaque, quaisquer sinais de superioridade. As relações e obrigações recíprocas das duas fraternias dos Tlinkit são designadas por uma **palavra que significa "manifestar respeito"**. Estas relações estão constantemente sendo expressas em ações concretas, mediante a troca de serviços e presentes.

**A essência do potlatch é a obrigação de dar.** É a DIVIDA DA GENEROSIDADE. Dar (distribuir, gastar) aparece nessa lógica não apenas como forma de adquirir ou aumentar a honra e o prestígio, mas também como uma forma de humilhar aquele que recebe e não pode restituir. Vale dizer, que algumas vezes, o objetivo do potlatch é colocar aquele que recebe em situação de inferioridade permanente substituir relações recíprocas instáveis por relações hierárquicas estáveis.

## **O GUANXI**

(Rosana Pinheiro-Machado)

O *guanxi* manifesta-se em diversos contextos - na vida rural e urbana, na sociedade capitalista e comunista- metamorfoseando-se, mas mantendo uma matriz de significado. Seguindo as regras da reciprocidade, o *guanxi* deixa **pessoas em débito através de negociações**, geralmente entre duas pessoas de hierarquias diferentes.

Em termos gerais, essa prática implica a formação de conexões pessoais que pressupõem **uma ética de obrigações**. Segue o princípio da economia do dom-dar, receber e retribuir, com vista à formação de redes sociais (*guanxiwang*).

Por isso, a reciprocidade (*bao*) acontece através de uma etiqueta e de um ritual (*li*) contínuo; **e o descumprimento do sistema de obrigações faz com que o receptor em débito perca prestígio** (*mianzi*) O *guanxi* mistura as dimensões instrumentais e sentimentais, dom e mercadoria, sendo baseado numa ética afetiva bastante forte. Assim como há um retorno pragmático esperado, advindo das relações de trocas, trata-se de sistema baseado em emoções, as quais variam

entre *renqing* (sentimento) e *ganqing* (afeição). Além disso, para que o relacionamento aconteça, é imprescindível a existência de uma base de relacionamento (*guanxi-base*), que é uma identificação comum ou um passado compartilhado. A união de pessoas ao longo da vida é uma questão de destino (*yuanfen*). As bases são diversas, mas há uma ênfase sobre a filiação regional muito forte. As principais são a família (*jia*), o parentesco (*qingqi*) e todas as suas formas estendidas; o local de origem /raiz /dialeto /comunidade /vizinhança (*tongxiang*); o local de trabalho (*danwei*), os colegas de escola (*tongxue*); os colegas de associações, negócios etc. (*tongshi*), e a relação professor-aluno (*laoshi-xueshang*). Diante da inexistência de uma base, as pessoas forjam um relacionamento- *la guanxi* - ato muito comum entre empresários estrangeiros que precisam criar vínculos na China para realizar negócios

“Cansar ou querer ir embora mais cedo - atos esperados devido aos excessos da noite- eram tarefas inviáveis e consideradas mal-educadas, já que a sociabilidade tinha uma sequência de cultivo e de desfrute. A pressa era falta de educação; e o tempo, uma dimensão fundamental. Esta foi a primeira regra de iniciação.”

Na China, os negócios de qualquer natureza passam pela confiança e, para alcançá-la, deve-se cultivá-la. Estabelecer Guanxi exige calma e cuidado. Seja a contratação de uma entrevista/tradução, seja a contratação de serviço por parte de uma empresa transnacional, o princípio é o mesmo: não é a impessoalidade que impera nessa esfera, mas o desfrute das relações humanas.

Os favores de quaisquer espécies geram dívidas de retribuição. A dívida então é a base do Guanxi e de centenas de atitudes e atos da sociedade chinesa.

O conceito de “eu não devo nada a você” desvincula pessoas, retira a obrigação de realizar atos uns pelos outros. O exercício da bondade e da beneficência requer uma condicionante, um esforço a maior, porque significa doar ou contribuir para quem não possui dívida.

## **BONDADE**

A BONDADE e a BENEFICENCIA DIVINA é um conceito belo. Ele vai de encontro a GRAÇA dos reis da antiguidade, ao conceito de favor imerecido ou de favor não retribuível. Não é incomum nas Escrituras a visão de uma pessoa ajoelhada diante de quem deseja pedir algo, que sabe não fazer jus, ou que sabe não ter condições de retribuir dada a sua condição social ou econômica. O pedido dirigido a dignidade ou autoridade é “ache eu mercê diante de teus olhos”, “que eu encontre graça diante de tua face” está relacionado ao fato de que a pessoa que está endividada e sem condições de saldar a dívida, seja com quem suplica ou com terceiros, compreendendo que diante dela está alguém, uma autoridade, um soberano, cujo poder ou recursos podem anular o peso do compromisso ou situação que não possui recursos particulares para expiar, pagar, anular, retribuir.

A gratidão dos camponeses diante da fartura é este movimento, entendem que estão diante do favor divino, o milagre da vida é de caráter irretribuível, o

florescimento dos campos um milagre que lhes resguarda a vida, concedendo provisões, gerando um sentimento de dívida com os deuses.

Bondade relacionada com o conceito de dívida significa anular a dívida alheia, sem que haja obrigações impostas por tal ajuda ou socorro. A bondade divina é graça em forma de bens, recursos, provisões, saúde, ou a bondade humana um ato que não necessita ser retribuído, é voluntário, e **NÃO GERA DIVIDA**.

A Misericórdia é então **PESAR** a dívida e a miséria alheia e tendo empatia pela dor alheia, evitar o dano, a multa, a falência alheia, através do **PERDÃO**

O perdão é então um ato que **ANULA** a dívida e que **LIBERTA** ao devedor de qualquer obrigação.

No livro surpreendente, "O totem da paz", Don Richardson narra com realismo a incrível transformação que o Filho da Paz, Jesus, trouxe ao coração dos Sawis. Entre os Sawis, **uma tribo de canibais caçadores de cabeças, a traição era mais que uma filosofia de vida, era a maior virtude**. Em 1962, Don Richardson e sua esposa Carol foram à terra dos Sawis levando a história de um herói diferente, cuja mensagem era amor, e não traição; perdão, e não vingança, a história do Filho da Paz, enviado por Deus. Entretanto, estava difícil comunicar a eles esta mensagem. **Ocorreu ali uma cerimônia solene entre tribos em conflito para selarem um pacto de paz. O chefe guerreiro de uma tribo ofereceu o seu único filho, um bebê, ao chefe guerreiro da outra tribo. Enquanto a criança vivesse haveria paz entre eles**. Assim, a tribo que cedeu a criança não poderia atacar a tribo que recebeu a criança, pois esta a mataria. Por outro lado, a tribo que recebeu a criança tinha que se esforçar para mantê-la viva, para não cessar o período de paz. Deus, então, inspirou aqueles missionários para apresentarem Jesus como o "totem da paz". A criança era ao mesmo tempo "dádiva" e significava **DIVIDA**. Manter viva uma criança da outra tribo inimiga gerava dívida de gratidão que não poderia ser quebrada e o preço era abandonar parte de suas tradições, abandonar sua natureza, para manter a paz.

## **A MOEDA**

O dinheiro ou a moeda é também uma *representação* da dívida. O dinheiro é uma invenção complexa, e cheio de representações. Muitas vezes substitui o trabalho, a arte, a obra humana, representa o esforço, e o valor que a sociedade concede as coisas. O dinheiro é usado para adquirir bens e serviços, ele surgiu da necessidade de unificar um bem valioso, aceito por todos, que pudesse valorar outros bens. A madeira, o azeite, o vinho, peles de animais, sementes, animais, pedras preciosas e então a prata e o ouro foram usados nesse sentido, usados como dinheiro nas épocas passadas.

As realizações humanas não se limitam a bens ou serviços materiais. O conceito da dívida é natural na psique humana, ainda que tratada de inúmeros modos. A gratidão, a amizade, o carinho, o afeto, a alegria, a expressão de satisfação com a dádiva manifesta. A dignidade, a idoneidade, a ética, o amor ao próximo, o respeito, e mesmo os jogos amorosos são contaminados pelo conceito de **DIVIDA**.



O lúdico da alma humana, ou mesmo a palavra profética, em algum momento serão também impactados pelo significado da dívida. O sorriso no rosto da criança gera uma resposta no rosto de sua mãe, o abraço amigo encontra resposta na reciprocidade ao abraço. A gratidão por um ato amoroso ou um ato de bondade gera dentro de nós a dívida, do agradecimento, da mesura, do respeito. O gesto de ternura não se completa sem o “pagamento” com alegria genuína de quem o recebeu. A dívida é divisada nas questões éticas. Toda empresa possui o compromisso – leia-se DIVIDA – de cumprir com suas promessas, seja na qualidade dos seus produtos, seja na transparência de suas relações com o consumidor, seja na fiel cobrança de suas taxas, onde é seu dever imputar a dívida correta. A dívida também gera dívida. Mesmo os devedores possuem deveres – leia-se DIVIDAS – com seus credores. Se você deve 12 prestações de um televisor de última geração comprada no Wal-Mart, possui uma dívida financeira, e uma dívida de honestidade ou ética, o compromisso assumido, pagar em dia as parcelas contraídas. O parcelamento de um produto é um contrato de crédito, que traduz uma promessa – vou restituir esse bem de tal modo, em tantas vezes. Esse compromisso é uma dívida. Todo contrato firmado gera dívidas entre ambas as partes. Somente que no mundo jurídico nós declaramos essa “dívida”, devida por ambos, nomeando-as como OBRIGAÇÕES CONTRATUAIS.

O conceito de dívida transita entre as esferas jurídicas, comerciais, humanas e mesmo espirituais.

A EXPIAÇÃO é um ato que significa REMISSÃO da DIVIDA ESPIRITUAL. Expiar significa ANULAR uma transgressão, ou APAGAR uma dívida.

O pecado humano não afeta a Deus, como já dizia Eliú a Jó. Porém afeta a outros seres humanos criados a imagem e semelhança divina. Que possuem DONO, conforme declarado aos Colossenses por Paulo. Quando ferimos a alguém geramos uma dívida com essa pessoa e TAMBÉM uma **DIVIDA ESPIRITUAL para com Deus**. Estamos maculando, ferindo, destruindo, corrompendo, tirando a dignidade de algo ou alguém que possui dignidade espiritual dada por Deus.

Quem magoa ao próximo se ENDIVIDA com Deus. Por isso a INJUSTIÇA HUMANA gera dívidas que ultrapassam a esfera humana. Daí também a necessidade da EXPIAÇÃO, para tratar da DIVIDA gerada com DEUS, ainda que relacionada a outro ser humano.

A parcela humana da DIVIDA deve ser tratada com a parte ofendida.

A dívida não material gera a necessidade de PAGAMENTO não material. O bem realizado a outrem gera o sentimento e o direito espiritual à restituição. Não somente o bem, mas TODA relação humana saudável é baseada na TROCA, no princípio da dádiva e da retribuição. A doação, o trabalho, o esforço sem retribuição destrói o relacionamento humano. Os seres vivos vivem por um princípio análogo. Não existe vida sem troca de componentes, energia, calor, luz, matéria, em algum nível. É o relacionamento da matéria e energia que gera transformações, combinações e suporta a vida biológica.

Todo casamento gera deveres e obrigações, que traduzem **DIVIDAS** da vida conjugal, entre ambos. De acordo com o artigo 1.566 do Código Civil, ambos os cônjuges têm o dever de fidelidade recíproca, vida em comum no domicílio conjugal, mútua assistência, sustento, guarda e educação dos filhos e respeito e consideração consoante se lê:

Art. 1.566. São deveres de ambos os cônjuges:

I - fidelidade recíproca;

II - vida em comum, no domicílio conjugal;

III - mútua assistência;

IV - sustento, guarda e educação dos filhos;

V - respeito e consideração mútuos.

Apresenta-se o **débito conjugal** na doutrina e na jurisprudência como o direito-dever dos cônjuges de cederem reciprocamente seus corpos no intuito de obterem satisfação sexual. Enquadra a doutrina esse poder-dever no artigo 1.566, inciso II, do Novo Código Civil Brasileiro que trata da vida em comum no domicílio do casal.

Vejamos o que disse Orlando Gomes (Direito de Família. 12ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000. p. 134-35.): "A coabitação representa mais que a simples convivência sob o mesmo teto. (...) Não só convivência, mas união carnal.(...) Importa-se assim a coabitação a permanente satisfação desse **débito**."

Disse Maria Helena Diniz (Curso de Direito Civil Brasileiro (Vol. 5 – Direito de Família). 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000. p. 120): "Cada consorte é **devedor da coabitação e credor da do outro**. Daí sentir-se, mais, nesse direito-dever o **caráter ético, extrapatrimonial e absoluto**, sendo, assim, **intransponível, irrenunciável e imprescritível**." Diante disso, a construção doutrinária é clara no sentido de pretender ver no dever de coabitação dos cônjuges, um envolvimento total de suas vidas, que, após o casamento, já não é mais individual, mas sim um envolvimento espiritual e carnal de duas vidas, ou como quer o novo código, uma comunhão plena de vidas.

De acordo com Foucault, até ao século XVII, grosso modo, o poder caracterizava-se como negatividade, como capacidade de subtração, extração, extorsão de bens e capitais que se efetua "de modo descontínuo por sistemas de rendas anuais e **obrigações crônicas (leia- dívidas crônicas)**" Este paradigma soberano de poder é um direito de apropriação que "se exerce muito mais sobre a terra e os seus produtos do que sobre os corpos e o que eles fazem"

Mas a relação entre **credor e devedor** é reativada, encontra uma nova forma: **a dívida histórica "entre os indivíduos do presente e os seus antepassados"**. Existe uma espécie de obrigação jurídica entre a geração presente e a geração

fundadora baseada na convicção de que a geração atual apenas “subsiste graças aos sacrifícios e aos trabalhos dos antepassados e que é preciso reembolsá-los por intermédio de sacrifícios e trabalhos” o que significa a existência de uma dívida impagável que não só não pode ser cancelada como continua sempre a crescer, uma vez que o espectro dos antepassados não cessa de engrossar à medida que a flecha do tempo avança.

Os serviços de toda espécie prestados à mulher pelo marido nas tribos da Melanésia são considerados com o um salário-dádiva pelo serviço prestado pela mulher quando ela empresta o que o Alcorão chama também “ o campo” .

Os “poka laekaributu” [dons de solicitação] que são vistos no kula, são espécies de um gênero bem mais vasto que corresponde bastante bem ao que chamamos salário. São oferecidos aos deuses, aos espíritos. Um outro nome genérico do salário é vakapula mapula: são sinais de reconhecimento e de boa acolhida e devem ser retribuídos

Na extremidade sul da Melanésia, em Fiji, onde identificamos o potlatch, estão em vigor outras instituições notáveis que pertencem ao sistema da dádiva. Há uma estação do ano, a do kere-kere, durante a qual nada se pode recusar a ninguém. Dádivas são trocadas entre as duas famílias por ocasião do casamento, etc. Além disso, a moeda de Fiji, feita de dentes de cachalote, é exatamente do mesmo tipo que a dos trobriandeses. Ela tem o nome de tambua; é completada por pedras (mães os dentes) e ornamentos, espécies de “ mascotes”, talismãs e “figas” da tribo. Os sentimentos dos fijianos em relação a seus tambua são exatamente os mesmos que os que descrevem os há pouco: “ Eles os tratam com bonecas, os tiram do cesto, os admiram e falam de sua beleza; untam e pulem a mãe deles”. A apresentação dos tambua constitui uma demanda: aceitá-los é comprometer-se

As tribos de Buim e sobre os Banaro nos fornecem numerosos pontos de comparação. O caráter religioso das coisas trocadas é ali evidente, em particular da moeda, da maneira pela qual ela recompensa os cantos, as mulheres, o amor, os serviços; com o nas Trobriand, ela é uma espécie de penhor. Enfim, um dos fatos que melhor ilustram ao mesmo tempo o que é esse sistema de dádivas recíprocas e o que é impropriamente chamado casamento por compra: este, na realidade, compreende prestações em todos os sentidos, inclusive da família por aliança: é devolvida a mulher cujos pais não deram presentes de retorno suficientes.

O ponto no qual esses direitos — e, com o verem os, o direito germânico também - tropeçaram foi sua incapacidade **de abstrair e de dividir seus conceitos econômicos e jurídicos**. Aliás, eles não tinham necessidade disso. Nessas sociedades, nem o clã nem a família sabem dissociar-se, como tampouco dissociar seus atos; os próprios indivíduos, por mais influentes e conscientes que sejam, não sabem compreender que precisam se opor uns aos outros, e que precisam saber dissociar seus atos uns dos outros. O chefe confunde-se com seu clã e este com ele; os indivíduos só se sentem agir de uma única maneira. Holmes

observa finamente que as duas linguagens, uma papua, a outra melanésia, das tribos que ele conhece na embocadura do Finte (Toariپی e Namau), **têm “ um único termo para designar a compra e a venda, fazer e tomar um empréstimo”** . “ Estrictamente falando, eles não sabiam pedir emprestado e emprestar no sentido em que empregamos esses termos, havendo sempre algo de dado na forma de honorários pelo empréstimo, e que era devolvido ao ser quitado o empréstimo.” Esses homens não têm nem a idéia da venda nem a idéia do empréstimo, no entanto fazem operações jurídicas e econômicas que têm a mesma função.

Eles nos permitem conceber que esse princípio de **troca-dáviva** da troca-dívida deve ter sido o das sociedades que ultrapassaram a fase da “prestação total” (de clã a clã e de família a família), mas que ainda não chegaram ao contrato individual puro, ao mercado onde circula o dinheiro, à venda propriamente dita e sobretudo, à noção de preço calculado em moeda pesada e reconhecida.

As relações econômicas de Papua Guiné nos auxiliam a imaginar o desenvolvimento do escambo, das trocas para o sistema financeiro. O dinheiro é na verdade a **descaracterização, a perda de identidade da dádiva**. Em certo Dorama coreano (My Fair Lady) certa moça de riquíssima família cita uma frase de seu avô **“quem empresta dinheiro na verdade empresta sua vida, uma parte dela”** enfatizando que foi o esforço e o trabalho incessante que o produziu, gerou ou acumulou. O COMÉRCIO distribui bens indiscriminadamente, ele retira a essência do ‘espírito da dádiva’ da coisa comprada. Ele torna ‘material’ adquirir e distribuir coisas, que se tornam só coisas, muitas vezes destituídas de significados de afeto, de comprometimento ou de ternura. O mundo mercantilista é o mundo das ‘coisas’ negociadas muitas vezes sem qualquer sentimento, onde a função de compra e venda da coisa é desvirtuada no sentido de ‘bem que honra a alguém’ para ‘bem que gera mais dinheiro’.

Pode-se mesmo dizer que toda uma parte do direito, direito dos industriais e dos comerciantes, acha-se em conflito com a moral. Os preconceitos econômicos do povo, dos produtores, provêm de sua firme vontade de acompanhar a coisa que eles produziram, e da aguda sensação de que seu trabalho é revendido sem que eles participem do lucro.

Toda a nossa legislação de previdência social, esse socialismo de Estado já realizado, inspira-se no seguinte princípio: **o trabalhador deu sua vida e seu trabalho à coletividade**, de um lado, a seus patrões, de outro, e, se ele deve colaborar na obra da previdência, os que se beneficiaram de seus serviços não estão quites em relação a ele com o pagamento do salário, o próprio Estado, que representa a comunidade, **devendo-lhe**, com a contribuição dos patrões e dele mesmo, uma certa seguridade em vida, contra o desemprego, a doença, a velhice e a morte.

Em partes do mundo as coisas vendidas são imaginadas com **uma alma**, são ainda seguidas pelo antigo proprietário e o seguem. No vale dos Vosges, em Comimont, o seguinte costume era corrente há não muito tempo e talvez se conserve em algumas famílias: para que os animais comprados esquecessem o antigo dono e não fossem tentados a retornar à “casa deles”, fazia-se uma cruz no alto da porta do estábulo, guardava-se o cabresto do vendedor, e oferecia-lhes sal na mão. Em Raon-aux-Bois, dava-se-lhes uma fatia de manteiga que se fizera girar três vezes na cremalheira, oferecendo-a depois com a mão direita.

Trata-se, é verdade, de eqüinos e bovinos, animais que fazem parte da família, o estábulo sendo uma extensão da casa. ***Como se a dádiva possuísse vida.***

É a dívida que obriga o DEVEDOR a ser DEPENDENTE do CREDOR.

Um agiota pode usurpar por anos os bens de sua vítima, através dos JUROS de sua dívida. Os JUROS das dívidas financeiras são, em uma certa proporção, uma maquinação sórdida. Significa que o espírito da ganância humana arranjou um modo de estimular a dívida, de fazer com que ela possa crescer, INDEFINIDAMENTE. Os juros são o modo com a dívida financeira arranjou de alcançar a eternidade ou a imortalidade.

Toda religião é baseada num sistema de dádiva e retribuição. **A oferta é um presente, ela também é designada de dom.** As oferendas aos deuses ao redor do mundo tão testemunho disso. Os povos da antiguidade 'honravam' os espíritos protetores, como observado nas antigas crenças dos gregos, chineses, coreanos e japoneses, dos que recorde agora, onde os pais e avós mortos iam se tornando espíritos protetores, sendo invocados para proteção e concessão de prosperidade das famílias, necessitando no entanto de continuo oferecimento de oblações e manjares, como se para se manterem 'vivos' no mundo do além necessitassem alimentar-se da comida dos vivos que lhes era oferecida, e só dela, segundo ritos determinados e colocado por pessoas que tivessem o direito legal de lhes oferecer tais coisas, por isso eram chamados de espíritos familiares.

Esse parágrafo anterior vem de "A arte de presentear – Welington Corporation". Porém além de "dádivas" ou "dons" oferecidos, o alimento oferecido aos mortos simbolizava uma DIVIDA ETERNA. Os vivos eram "devedores" dos mortos porque deles tornavam-se dependentes para sua proteção. Essa dádiva ou oferendas não era provisória, tinha que ser permanente para que os espíritos dos mortos pudessem se alimentar e não se tornarem espíritos malignos ou malditos. A idéia por detrás da oferenda ritual pode ser verificada de modo muito claro num dorama coreano de nome "Arang e o Magistrado" Onde Arang é a fantasma de uma jovem mulher morta que não possui memória, perseguida por ceifeiros (anjos da morte) e que encontra ajuda de um magistrado que possui a capacidade de ver fantasmas. Numa determinada cena ela necessita disputar com outros fantasmas o direito a comer de uma oferta de alimentos feita aos mortos. Todos os fantasmas estão famintos e o único modo de serem alimentados é através da "comida oferecida" ou do alimento ritual.



Esse K-drama reflete as centenas de crenças ao redor do mundo desde o antigo Egito. O mundo dos mortos da antiguidade era semelhante ao dos vivos, os mortos compartilhavam ainda desejos e percepções dos vivos, a felicidade, a raiva, o desejo até o sexual e mesmo a fome. A necessidade de “alimentar” continuamente os mortos gerava uma DIVIDA permanente das gerações vindouras. Eram as obrigações devidas aos deuses familiares.

35 E Raquel disse ao pai: «Que o meu senhor não se ofenda, se não posso levantar-me diante de ti, por causa do incómodo habitual das mulheres.» Ele continuou a procurar, **mas não encontrou os deuses familiares**. Genesis 31:35 (Bíblia Sagrada (Capuchinhos))

20 Os cinco homens que tinham ido explorar o país subiram ao patamar, penetraram na casa e tomaram o ídolo, a insígnia sacerdotal, **os deuses familiares** e a imagem em metal, enquanto o sacerdote se mantinha à porta, bem como os seiscientos homens equipados com armas de guerra. Judges 18:20 (Bíblia Sagrada (Capuchinhos))

16 Mical tomou **os ídolos familiares**, meteu-os na cama, colocou-lhes ao redor da cabeça uma pele de cabra e cobriu-os com um manto. 1 Samuel 19:16 (Bíblia Sagrada (Capuchinhos))

Essa realidade está presente e bem presente no mundo moderno e por causa do sincretismo religioso, o catolicismo romano somado aos ritos da antiguidade, é ritualizado como que tivesse alguma base no evangelho. A roupagem católica é somente um manto que esconde o culto aos mortos da antiguidade.

“Em San Andrés Mixquic, povoação localizada a hora e meia da Cidade do México. O culto aos mortos inicia no dia 31 de Outubro, ao meio-dia. No dia 1 de

Novembro, serve-se o pequeno-almoço em honra dos mais novos que já partiram. Mais campainhas, e segue-se a missa. Às doze horas, é a vez das almas adultas. As flores brancas são substituídas por flores amarelas (*cempazúchitl*), no altar e no chão. No altar, adicionam-se outras oferendas: laranjas, cana-de-açúcar, maçãs e alimentos próprios para adultos (*míxmole*, *tamales* picantes), pão e bebidas como licor ou vinho, segundo os gostos dos antepassados. Seguidamente, a família reza o terço. Ao terminar a oração, cada um dos presentes acende uma vela, mencionando o nome da pessoa falecida a quem essa é dedicada. A última vela a acender destina-se às almas esquecidas e abandonadas. Em algumas casas, expõem-se também roupas ou objectos pessoais que os defuntos utilizavam em vida. Às sete da tarde, começam as visitas às casas dos parentes, amigos e vizinhos. Canta-se e reza-se, junto do altar. Depois, trocam-se presentes - não os do altar - e serve-se de comer e de beber aos visitantes."

Além dos espíritos familiares haviam também os 'deuses vivos' as divindades, deidades, demônios – na acepção da palavra, espíritos malignos de toda sorte, reconhecidos e temidos como tais – de origem não humana, a quem eram ofertadas toda sorte de dádivas. Porque tais entidades EXIGIAM tais tributos. Os povos eram pressionados por estarem continuamente ENDIVIDADOS com tais seres. As milhares de festividades do mundo religioso são repletos de banquetes cerimoniais e distribuição de bens. Porém a 'demanda' por dádivas de muitos deuses da antiguidade era em função da amargura e desgraças que causariam se não as recebessem, e esta 'fome' insaciável por dádivas humanas avançou até mesmo ao oferecimento de crianças e vítimas humanas. As vítimas eram 'presentes', 'dádivas' selecionadas para essa finalidade. Cercadas de cerimonialismos algumas eram preparadas desde pequenas para tais finalidades o termo 'como vítimas para o sacrifício' é mais sinistro do que normalmente imaginamos. Havia uma série de cerimoniais para 'santificar' as oferendas, e no caso de 'gente oferecida' significava vestimentas especiais, perfumes especiais, e coisas afins, significava também uma triste aceitação da 'missão sagrada' por parte das vítimas, conseguido através de 'honorarias póstumas', reconhecimento, bens aos familiares, honra para a família que 'doaria' a vítima para o sacrifício.

A dívida com o mundo espiritual era muitas vezes fruto das invocações realizadas aos deuses da antiguidade. Uma vez devoto, escravo se tornava para o resto de sua vida. Essa "escravidão" aos deuses e sacerdócios vigentes aconteciam de diversos modos. Todo sacerdócio instituía uma DIVIDA entre os adoradores e a divindade adorada, que era cobrada em ofertas, em dádivas, em louvores, em festas rituais, procissões e danças.

Incluindo também o sacerdócio LEVITICO. O sacerdócio levítico impõe uma dívida ou deveres do povo de Israel com Yawveh, cumpridos através de 7 festas, dos sacrifícios e ofertas as santuário, através da obrigatoriedade de apresentar-se ao tabernáculo e posteriormente ao templo e também pelo dízimo. A LEI estabelece centenas de obrigações ao povo israelita, declaram então DIVIDAS espirituais, morais, sociais.

A DIVIDA espiritual fruto dos atos humanos era compreendida ou VALORADA como capaz de ultrapassar os limites impostos pela morte. A conduta ilegítima, imoral, desonesta, o exercício da parcialidade, da mentira, o cometimento de atrocidades ou atos maldade humana poderia ultrapassar a vida após a morte e gerar PENDENCIAS que se não cumpridas gerariam espíritos amaldiçoados, errantes, espectros, fantasmas de toda sorte que estariam destinados a vagar sem rumo sobre a terra, ou permanecerem presos a lugares como castigo por não pagarem em vida suas dívidas.

Nós valoramos dívidas de modo financeiro. Inclusive as retribuições ou compensações por acidentes pessoais ou por danos causados a terceiros por nossa responsabilidade são transformadas em compensação financeira. As seguradoras possuem índices e de modo materialista “calculam” o valor da perda humana. Existem empresas que forma obrigadas a pagamentos de bilhões de dólares. O seguro do World Trade Center recebido por Rockefeller é da ordem de 7 bilhões de dólares. Muitas famílias foram a falência por causa de dívidas impagáveis. As dívidas podem destruir de uma família a um conglomerado de empresas. Podem levar a bancarrota até a economia de uma nação. As dívidas espirituais de modo semelhante podem apresentar-se de grandes proporções. Imagine o que pesa espiritualmente sobre um ditador que mandou assassinar a sangue-frio milhares de pessoas, ou o peso ou dívida causada por inúmeros atos da insanidade humana. Como diria Ferdinand:

“Ferdinand o pato, testemunha da insanidade.”



É também na possibilidade de “pagar” a dívida impagável do presente, **numa vida futura**, que teve início a doutrina da REENCARNAÇÃO.



É importante frisar e essencial entender que na visão da antiguidade pecados não se apagam, somente ACUMULAM. Que dependendo dos atos cometidos se não houvesse o modo de COMPENSAR a transgressão feita, seriam necessárias muitas vidas para expiar aquilo que está “ultrapassando” os limites do “pagável” ou que não poderiam ser EXPIADOS. Esse é o CERNE da doutrina da reencarnação, é a base do KARMA. Se o homem jamais pecasse, ele jamais morreria. Porém, se o ofício sacerdotal alcança o perdão pelos pecados, é como se o pecador não tivesse transgredido. O perdão dos pecados anula o peso que o indiano chamaria de bom grado de “Karma” causado pela transgressão. Ou de modo bem bíblico, anularia as consequências do ato pecaminoso.

A anulação do KARMA é a anulação da dívida espiritual humana, da altíssima dívida, anunciada pelos profetas e cumprida em Cristo.

PAGAR O KARMA, pagar o “preço” necessário do CUSTO da quebra de leis eternas espirituais, redimir o ser humano da DIVIDA gerada por desrespeitar LEIS DIVINAS, leis cósmicas, leis eternas. Essa é a possibilidade abeta pelo EVANGELHO, desconhecida pelas religiões da antiguidade.

O dia em que o Karma acabou.

A morte é uma realidade universal. Para seres humanos. Não para anjos ou para um Deus que vive para todo o sempre. Mas o pecado humano não lhe permite permanecer ligado a fonte da VIDA que é Deus. O pecado transformou a vida humana. Tirou dela a eternidade e lhe concedeu a mortalidade. O pecado mata. Um poder tão hediondo e maligno que fez cessar na humanidade a sua eternidade. Se Adão e Eva não tivessem pecado, viveriam para sempre. Ou teriam acesso a poderes que lhes permitiriam ser renovados para sempre. Só há um modo de conceder a eternidade ao homem. Só há um meio de transformá-lo, de transmutá-lo, de regenerá-lo. Deus não teria como impedir a morte do homem se ele pecasse. Porque ELE MESMO DECRETOU. Porque LEIS ESPIRITUAIS ETERNAS FORAM QUEBRADAS. Porque O KARMA assim exigiria. A lei espiritual da retribuição. Tudo que o homem plantar assim ceifará; OU A DIVIDA ESPIRITUAL CONTRAIDA DEVE SER PAGA. Karma é um antigo conceito oriental, tanto no Budismo como nas escrituras Védicas que retrata a imutabilidade de que o universo devolve ao homem o bem ou o mal que este realizar invariavelmente; Que a transgressão GERA DIVIDA, por isso creem no reincarnacionismo. Como poderia um assassino não pagar a perda de uma vida com **a própria vida**? Como poderia alguém evoluir espiritualmente sem antes cumprir na terra os atos necessários para redimir suas faltas?

O que fazer com Nona, Décima e Morta? (As Parcas, versão latina das Moiras, aquelas três que cuidavam do destino humano)

Estamos diante do sangue de Abel. Estamos diante de um Deus indignado. Quero que você veja o sangue no chão. Quero que você levante seus olhos e olhe agora na direção que Deus está olhando. Seu olhar atravessa o tempo e a eternidade;

E para numa cruz onde um inocente está morrendo. Seu nome é Jesus;

No dia em que Jesus morreu toda a eternidade parou. O ministério celestial parou.

Não havia esperança para o homem, sua fragilidade, suas enfermidades espirituais, seu egoísmo e a necessidade de retribuição das faltas cometidas. Mas, além disso, para que o homem pudesse viver eternamente ele necessitaria ser PURIFICADO. Sua dívida espiritual de valor inquantificável necessitava ser ressarcida.

E por outro lado, de que adiantaria viver a eternidade com o coração cheio de amargura, rancor ou desamor? De que adiantaria conceder a vida a uma *lama* distorcida, entristecida, avarenta, rabugenta? O ser humano é carente de virtudes, é cheio de paixões e vaidades, fraquezas morais e vícios da alma. Seu coração de dia e de noite é inclinado a realizar coisas ruins. Ou seja, nossa alma PRODUZ ENDIVIDAMENTO CRONICO.

É diante deste dilema que Deus está aos pés do corpo enterrado de Abel. Sim. Caím o escondeu. Somente as marcas do sangue permaneciam visíveis.

Como REDIMIR CAIM? E todos os outros que agiriam com a mesma perversidade?

Como transformar o coração humano, como influenciá-lo, como retirar o homem do domínio do pecado? Como fazer o ser humano, PARAR DE SE ENDIVIDAR ESPIRITUALMENTE? Tudo isso estava em curso antes do ser humano vir a existir. Sim, Deus conhecia o poder do maligno e a força do pecado.

O que possui TAMANHO VALOR que possa compensar as graves transgressões humanas? O que vale o preço de uma vida? Somente uma coisa no universo poderia redimir leis espirituais e eternas quebradas. Pagar por sua quebra. Uma Lei superior, que estabelece coisas espirituais de VALORES INFINITOS.

AS LEIS DIVINAS PROCEDEM DE DEUS; Que lei pode ser maior do que as leis que emanam de Deus? Uma única. Algo tão transcendente e tão maravilhoso que está acima de todas as leis do universo. Um princípio primordial. Uma Lei acima de todas as leis. Duas na verdade. A lei do Amor e a Lei da VIDA. Paulo as denominou, Lei do Espírito e Vida. Porque Deus é maior que todas as suas leis. E sua VIDA é e sempre será o maior poder, a mais sublime força de toda a esfera da existência. Maior que todos os anjos, maior que todas as realidades.

O Karma cessa em CRISTO. Porque a essência da Graça, da Bondade e da Misericórdia divina é o Perdão. O perdão CESSA COM AS OBRIGAÇÕES. Tendo como base um presente:

Sua VIDA.

Propôs DEUS, então, algo monstruoso, inacreditável e louco. Tão assombroso que os anjos cantariam em regozijo, e permaneceriam milênios declarando o absurdo de sua santidade;

Ele compartilharia sua ESSENCIA, sua NATUREZA e sua VIDA com o homem. Mas só haveria um único modo de realizar tal coisa, de modo irremediável, mágico, transcendente. Se Deus se quebrasse. Se ele rompesse. Se a Vida nele pudesse ser DOADA. E numa cruz, num dia escuro e doloroso, o Karma teve fim e a DIVIDA HUMANA PARA COM DEUS, foi integralmente PAGA.

A partir daí podemos nos aprofundar em diversos textos bíblicos.

E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; Mateus 6:12

O princípio da anulação dos nossos pecados significa também não levarmos em conta os erros cometidos contra nós. A maldade humana cometida contra nós gera dívida conosco e também com DEUS. Quando perdoamos a dívida alheia, automaticamente a dívida espiritual desta pessoa, CESSA. Estamos ajudando na salvação desta pessoa.

Então o Senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mateus 18:27

Numa triste parábola vemos que o perdão ANULA a dívida, embora na continuidade o servo não honrou a graça recebida, tendo se tornado INDIGNO do perdão recebido.

Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. Romanos 1:14

Paulo reconhecia suas dívidas humanas e espirituais com relação a todos que lhe ajudaram, edificaram, apoiaram, ensinaram-lhe coisas.

E, chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? Lucas 16:5

A parábola do mordomo infiel mostra um inteligente mordomo perdando dívidas que não são suas, tendo em vista a proximidade de sua demissão, para ter quem pudesse socorrer-lo! Porque sabia que esse "perdão" ilegítimo, porém legal, que dificilmente poderia ser anulado, geraria DIVIDAS entre a multidão dos anistiados e ele.

Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais. Romanos 15:27

Paulo citava que até o ensino, a pregação e o ministério bíblico gerava uma dívida de amor e generosidade entre os gentios e os ministros que lhe antecederam.

Ai de vós, condutores cegos! pois que dizeis: Qualquer que jurar pelo templo, isso nada é; mas o que jurar pelo ouro do templo, esse é devedor. Mateus 23:16

Jesus cita a distorção de conceitos, a negação da revelação divina onde a validade de um juramento não considerava mais um lugar sagrado, mas o dinheiro das ofertas. Os sacerdotes avaros ensinavam os judeus a reverenciarem ao ouro do templo, desviando seus pensamentos até em seus votos pessoais. O marketing mercantilista disfarçado no costume de fazer promessas e citar a coisa mais sagrada que conheciam, agora, sacralizava ao dinheiro!!

Essa torpe conduta, na verdade gerava grande dívida espiritual dos avaros chefes dos sacerdotes.

8 O presente é como uma pedra preciosa aos olhos de seus donos; para onde quer que se voltar, tentará ter algum proveito. Provérbios 17:8 (Bíblia Livre).

Esse texto mostra a tentativa de alguém comprar favores, ou de conseguir crédito alheio, ou DIVIDA, obrigação gerada, na maior parte, artificialmente, com base no interesse.

8 E ele terá domínio de mar a mar; e desde o rio até os limites da terra.

9 Os moradores dos desertos se inclinarão perante sua presença, e seus inimigos lambeirão o pó da terra.

10 Os reis de Tarsis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e Seba apresentarão bens. Salms 72:8-10 (Bíblia Livre)

Os reis da antiguidade recebiam tributos territoriais, tinham um domínio absoluto dentro de um território, e até seus limites fazia de todos ou da maior parte, TRIBUTÁRIOS. Esse salmo declara que um dia Deus elegeria um rei, Cristo, que regeria ao MUNDO, que dominaria sobre tudo, a quem TODOS deveriam TRIBUTOS.

Ouro e a prata são materiais raros, trazidos de minas que ficam na África e na Ásia. O processo de fabricação de pingentes de prata e correntes de ouro envolve fogo, fundição, altíssimas temperaturas e moldes, e posterior trabalho de ourivesaria. O ouro e a prata são revestidos de significados sacerdotais, intimamente relacionados ao templo e ao culto nos dias do templo de Salomão. O ouro simboliza a riqueza de uma nação, seu poderio econômico e logo seu poderio militar, pela capacidade de manutenção de exércitos, uma atividade extremamente dispendiosa. Os soldados de elite eram geralmente mercenários, soldados estrangeiros que vendiam seus serviços de proteção por meio de altos salários. Até hoje o ouro simboliza poder. Mobiliza o poder político, é lastro de diversas moedas. A prata era o material dos incensários, dela se faziam várias peças do santuário, material das moedas israelitas. Lemos sobre o preço de um escravo 30 moedas, restituição por um escravo ferido por uma chifrada ou coice de um boi, 30 moedas, o preço pelo resgate do homem, imposto pago ao templo, do israelita ao atingir 20 anos, uma moeda de prata, meio siclo. Lemos sobre Abimeleque pagando mil moedas a Abraão como pedido de desculpas, em relação a DIVIDA por ter tocado em Sara sem saber que era sua esposa. E lemos

sobre a traição do Messias por 30 moedas, cada moeda valia meio-siclo. Metade do valor da multa por uma chifrada de um boi. **A prata associa-se com o preço pago pela nossa salvação.** Ela representa preço de resgate, **ela simboliza dívida sendo paga, multa. Prata nas Escrituras lembra-nos remissão de pecados, lembra-nos preço pago pela nossa Salvação.**

Em Cantares é dito que a Sunamita possui enfeites de ouro e prata em seus cabelos.

Enfeites de ouro te faremos, com pregos de prata. (Ct 1.11)

A Igreja de Cristo tem seus cabelos enfeitados pelas riquezas celestiais, pelo PODER tremendo que o Espírito lhe concede e pelo preço do sacrifício.

E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: **Está consumado.** E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. João 19:30

No grego Koiné, grego coloquial falado na época de Jesus, a expressão “está consumado” é uma única palavra, TELESTAI.

Para que se tenha uma ideia sobre o significado de Tetelestai, era afixada à porta do cárcere a lista de todos os débitos pelos quais o indivíduo havia sido preso. Quando ele terminava de cumprir o tempo de prisão, era selada a folha da lista de débitos com a palavra Tetelestai, está pago, significando que ele estava livre, porque o débito estava pago, a dívida estava acabada. A nossa dívida, tempo nenhum de prisão poderia pagar. Por isso, Cristo teve que consumá-la por nós.

# Τετέλεσται

(TETÉLESTAI)

Wellington Corporation